

## MITOLOGIA COMO TERAPIA: O CASO DA NATUROLOGIA

*Fábio L. Stern<sup>1</sup>*  
*Andrei Mendes Moreira<sup>2</sup>*

**Resumo:** A naturologia é a institucionalização das terapias popularizadas pela Nova Era, o que a torna propícia à utilização de tratamentos heteróclitos. Uma dessas práticas é a utilização de mitologia como ferramenta terapêutica. Objetivando compreender como isso ocorre, uma revisão documental foi realizada, buscando analisar os relatos de experiência produzidos por um dos dois cursos de naturologia no Brasil. Em um universo de 284 documentos, foram identificados 24 relatos que descreviam a aplicação de mitos na terapia naturológica. Foi observada a predominância de mitos gregos, um foco privilegiado em figuras mitológicas femininas, e carência generalizada de descrições claras de como os mitos foram associados à terapia. As práticas que mais foram associadas são: arteterapia, *cakrás* e visualizações guiadas. As explicações mais utilizadas pelos naturólogos para embasar seu trabalho podem ser divididas em dois grupos principais: (1) psicologia analítica, e (2) neopaganismo.

**Palavras-chave:** Religião e saúde; Mitos; Nova Era; Práticas Integrativas e Complementares.

**Abstract:** Naturology is the institutionalization of the complementary/alternative medicines made popular by the New Age, making it prone to using heteroclitic treatments. One such practice is the utilization of mythology as a therapeutic tool. Aiming to understand how it happens, we conduct a documental research to analyze the experience reports produced by one of the two Brazilian naturology schools. From a universe of 284 documents, we identify 24 reports describing the application of myths in naturologic therapy. It is observed the predominance of Greek myths, a privileged focus on female mythological figures and widespread lack of clear descriptions of how myths are associated with therapy. The practices

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP). Bolsista da CAPES. Contato: caoihim@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Naturologia. Contato: andreimoreira@hotmail.com

that were more associated are: art therapy, chakras and guided imagery meditation. Explanations commonly used by naturologists to support their work can be divided into two major groups: (1) analytical psychology, and (2) Neopaganism.

**Keywords:** Religion and health; Myths; New Age; Complementary and Alternative Medicine.

## INTRODUÇÃO

A naturologia é um diálogo entre saberes em saúde que emprega práticas integrativas e complementares (PIC)<sup>3</sup> em uma abordagem terapêutica vitalista e integrativa (Teixeira, 2013). O termo “naturologia” surgiu no século XIX nos países de língua ibero-ocidental para se referir a um movimento que questionava a industrialização crescente da medicina (Correia, 1950; Ventura, 1999). Pelo ideal romântico de sua origem, oposto à dureza da racionalidade iluminista, a naturologia sempre possuiu fortes elementos espiritualistas.

Em seu início, notavam-se na naturologia elementos do esoterismo romântico europeu, o que pode ser observado no livro *Naturologia: a saúde integral do indivíduo e da sociedade* (cf. CASTRO, 1986). Embora publicado na década de 1980, seu autor, que tinha 96 anos na época, não sofreu influência da Contracultura de 1960. Assim, sua obra possui um discurso muito mais próximo do que estava em voga na Europa no final do século XIX do que do movimento da Nova Era, que reflete mais o que seria a naturologia atual. Nesse período inicial, a naturologia utilizava as terapias alternativas populares na Europa nos séculos XVIII e XIX,

---

<sup>3</sup> Às vezes chamadas de “medicinas alternativas”, “medicinas tradicionais”, “medicinas paralelas”, “terapias holísticas”, “terapias naturais”, com variedade de nomenclaturas sobre a qual entrar em maiores detalhes foge do escopo desse artigo. Práticas integrativas e complementares é o termo usado pelo Ministério da Saúde no Brasil.

em especial a homeopatia, terapias de dietas, a hidroterapia e as plantas medicinais, fundamentando suas práticas com a parapsicologia.

Com a Contracultura de 1960, a naturologia começou a utilizar também terapias asiáticas e se aliciou do discurso novaerista, substituindo paulatinamente o embasamento parapsicológico pela simbologia quântica. Isso fez com que Pessoa Jr. (2011, p. 293) chegasse a considerar que o “misticismo quântico” (termo do autor) seria a fundamentação da própria naturologia. Porém, conforme explica Teixeira (2013, p. 107), “os naturólogos negam ao campo de saber naturológico um caráter esotérico, místico ou religioso. [...] A Naturologia não quer ser esotérica ou mística, quer ser científica, mas quer uma nova ciência”. Isso faz com que alguns naturólogos militem contra uma inevitável identificação da área com o movimento da Nova Era e outras vertentes esotéricas, embora paradoxalmente aceitem práticas como florais de Bach e a antroposofia (linha esotérica derivada da teosofia) como legítimas ao campo naturológico.

Embora a Nova Era seja citada como um “movimento”, Guerriero (2006) considera mais pertinente considerá-la um *zeitgeist* europeu/norte-americano, sem lideranças, dogmas ou textos oficiais. Há discordâncias sobre até que ponto a Nova Era pode ser classificada como religiosa. Segundo D’Andrea (2000, p. 33), “os envolvidos com a Nova Era rejeitam a designação de ‘religiosos’ e, [...] por meio de uma lógica de natureza própria, cultivam práticas e representações que extravasam as definições do que se entende por religião”. Contudo, não parece correto não considerar religioso um campo cujo discurso gira em torno de termos como “espiritualidade” e “nova consciência religiosa”.

Tanto a naturologia quanto a Nova Era chegaram tardiamente ao Brasil. Embora haja provas de que elementos novaeristas tenham entrado no país antes dessa data, D’Andrea (2000, p. 11) considera que a popularização em nível nacional da Nova Era não ocorreu antes de 1986, impulsionada pelo programa *O Eremita*, da Rádio Imprensa FM do Rio de Janeiro. Sobre a naturologia, o primeiro curso registrado no Ministério da Educação (MEC) surgiu apenas em 1994 em Curitiba, no Paraná (Varela; Corrêa, 2005).

Atualmente, apenas duas universidades brasileiras mantêm bacharelados em naturologia reconhecidos pelo MEC: a Universidade Anhembi-Morumbi (UAM), na cidade de São Paulo, e a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), em Palhoça, na Grande Florianópolis.

Sem uma diretriz nacional, as grades desses cursos mudam conforme o desejo de suas coordenações. Como constataram Teixeira (2013) e Stern (2015), em determinados períodos valores novaeristas foram muito fortes. Em outros, a visão biomédica foi dominante. Essas alternâncias são observadas em ciclos de repressão a determinados discursos, que vão de encontro à proposta das lideranças de cada época. Citando o caso da UNISUL, durante sua fase mais novaerista a ciência era desvalorizada pelo próprio corpo docente, sob a égide de que a vivência é mais importante que a pesquisa. Após a bióloga Rozane Goulart assumir a coordenação em 2001, o curso foi a outro extremo, adotando uma óptica mais biomédica. Os discursos sobre energia e espiritualidade passaram a ser condenados, sob a alegação de que colocariam em xeque a legitimidade acadêmica da naturologia.

Após a saída de Goulart em 2010 referenciais oriundos das ciências humanas foram introduzidos nas discussões epistemológicas do curso. Alguns estudiosos notaram que os discursos silenciados nunca foram destruídos, e reconheceram indícios de que valores novaeristas permeavam o campo da naturologia (Rose, 2010; Langdom; Rose, 2012; Teixeira, 2013; Leite; Wedekin, 2015). Posteriormente, isso foi confirmado por pesquisa empírica, que demonstrou que certos temas, ausentes nos projetos pedagógicos, estavam difundidos e eram populares entre os naturólogos, possivelmente transmitidos paralelamente ao ensino oficial (Stern, 2015).

Dentre os vários temas que fazem parte desse “currículo oculto”, a utilização de mitos como terapia é um dos mais visíveis. Oficialmente, foi apenas em 2013 que, pela primeira vez, um curso de extensão relacionando mitologia e naturologia foi lançado por um dos bacharelados em naturologia do Brasil<sup>4</sup> (cf. Macedo, 2013). Todavia essa oferta foi uma resposta a uma demanda muito anterior. O documento mais antigo que comprova

---

<sup>4</sup> Nada impede que outros cursos livres tenham sido ofertados pelos naturólogos formados anteriormente a essa data. A reportagem de Macedo (2013) é apenas o registro mais antigo

esse interesse é datado de uma década atrás: uma monografia da UAM, pioneira em estabelecer essa relação na área (cf. Guedes, 2005).

Desde então, outros naturólogos vêm aplicando mitologia em seu trabalho terapêutico, associando os mitos às PIC, fato que pode ser observado até hoje. Citando um caso recente, em 2016 um relato de experiência exposto no II Simpósio Internacional da ABHR apresentou associações entre um mito do povo kiowa e práticas da arteterapia feitas por alunos de naturologia da UNISUL (Martins, 2016). Entretanto, apesar da utilização de mitologia no trabalho de naturólogos ser atestado, há uma carência generalizada de publicações que expliquem como isso é feito. O presente artigo pretende preencher parte dessa lacuna. Chama à atenção, do ponto de vista da ciência da religião, que um elemento tipicamente religioso (mitos) esteja sendo utilizado como prática terapêutica. O que os naturólogos formados no Brasil fazem em seus atendimentos quando optam pela utilização de mitologia associada à prática terapêutica da naturologia? Nosso objetivo é explorar essa questão.

A respeito de nossa utilização da terminologia *práticas integrativas e complementares*, é necessário esclarecermos que por causa da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC), implementada em 2006, algumas pessoas confundem a PNPIC com PIC. Como apenas cinco práticas estão inclusas na PNPIC (*sc.* medicina chinesa, homeopatia, plantas medicinais, termalismo/crenoterapia e medicina antroposófica), há declarações de que apenas essas cinco seriam, de fato, práticas integrativas e complementares. Todavia não há qualquer motivo para que outras práticas não contempladas pela PNPIC não sejam classificadas como práticas integrativas ou práticas complementares. Tendo isso em mente, práticas não presentes na PNPIC que são utilizadas pela naturologia foram referidas no presente estudo como sendo também práticas integrativas e complementares (sigla PIC).

---

encontrado sobre um curso de extensão ofertado oficialmente por um dos bacharelados em naturologia reconhecidos pelo MEC.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa documental, visto que trabalhamos com dados primários, ainda não interpretados e não publicados. Os objetos de pesquisa foram os trabalhos de conclusão de curso (TCC) de naturologia da UNISUL, produzidos entre 2006 e 2008, que relatassem a aplicação, de alguma forma, de mitos na terapia naturológica.

Não foram utilizados trabalhos anteriores a 2006 porque embora o curso exista desde 1998 (Teixeira, 2013, p. 21), em 2005 um temporal destelhou as instalações da UNISUL onde os TCC se encontravam, destruindo o arquivo-morto (Stern, 2015, p. 21). Os trabalhos posteriores a 2009 também foram excluídos porque consideramos que o novo formato adotado pelo curso nesse ano ia de encontro aos nossos objetivos. Até 2008, os TCC eram relatos de experiência sobre os atendimentos da clínica-escola de naturologia. Após 2009, o padrão atual (artigo científico) foi instituído. Como desejamos pesquisar o que os naturólogos fazem em consultório quando atendem com os mitos, foi considerado mais relevante analisar os trabalhos no formato antigo.

284 TCC foram produzidos pelo curso da UNISUL entre 2006 e 2008. Desses, 30 abordavam mitologia, mas alguns foram descartados por não atender aos seguintes critérios de inclusão: (1) serem relatos de experiência, e (2) utilizarem mitologia associada ao tratamento terapêutico naturológico. Apenas um trabalho não preencheu o primeiro critério. Contudo, houve 5 produções que foram descartadas pelo segundo critério. O que se observou nesse último caso é que os mitos foram utilizados como alegorias/metáforas de algo discutido no texto. Ilustrando com o TCC de Simão (2007), ao citar o mito de Titono, a naturóloga o fez apenas como metáfora de alguém que envelhecia eternamente, sem jamais encontrar repouso na morte. Mas esse mito não foi aplicado e nem influenciou na terapia aplicada por Simão.

Ao final, 24 TCC foram separados para investigação, conforme é possível observar na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – TCC analisados, conforme os critérios de inclusão.

	Ano de produção			Total
	Em 2006	Em 2007	Em 2008	
<b>Total produzido pelo curso da UNISUL</b>	86	78	120	284
<b>Que abordam mitos de modo geral</b>	6	7	17	30
<b>Desses, quantos são relatos de experiência</b>	6	7	16	29
<b>Desses, quantos utilizaram mitos associados ao tratamento terapêutico naturoológico</b>	6	5	13	24

Fonte: elaboração dos autores (2016).

Embora algumas informações tenham sido quantificadas, visando apenas deixar mais claras e explícitas as questões levantadas, o enfoque de análise desse estudo foi qualitativo. Buscamos por quatro pontos centrais: (1) quais mitos foram adotados, (2) com quais PIC eles foram associados, (3) o que foi feito com os mitos em consultório, e (4) se foi apresentada alguma teoria que embasasse como mitologia e naturologia se integram. Nos resultados, o segundo e terceiro ponto dessa análise foram apresentados em conjunto (item 3.2), enquanto o primeiro e o quarto foram apresentados em separado (itens 3.1 e 3.3).

## RESULTADOS

### MITOS UTILIZADOS

Foram identificados personagens das mitologias andina, asteca, celta, egípcia, eslava, grega, indiana, inuit, lakota, nagô, romana, talmúdica e tibetana; muitos desses panteões apareceram em apenas um documento. Houve dois trabalhos que não definiram qual(is) mito(s) foi(ram) utilizado(s) na terapia: o TCC de Oliveira (2007), que genericamente declarou que “mitos andinos” foram utilizados em sua terapia naturológica; e o TCC de Becker (2007), que apenas afirmou que mitos foram empregados, mas sem explicar quais mitos foram esses e nem como ou porque eles foram associados a sua terapia.

19 TCC utilizaram a mitologia grega, sendo que 14 desses recorreram exclusivamente a mitos gregos. Em outras palavras, dos trabalhos que recorreram a mitos gregos, 5 utilizaram mitos gregos e mitos de outras culturas, e 14 documentos apenas empregaram mitos gregos, sem utilizar mitos de qualquer outro panteão. No TCC de Zacchi (2008) foram utilizados também personagens romanos, mas a mitologia romana foi tratada como sinônima da mitologia grega: Zacchi referenciou parte dos deuses pelo nome latino (Hércules e Vênus) e parte pelo nome helênico (Ártemis, Hécate, Eros, Psique e Quíron). Não fica claro qual foi o critério que fez Zacchi utilizar o nome grego para uns e o nome latino para outros.

Dos documentos analisados, 6 TCC utilizaram mitos de mais de uma cultura em seu trabalho. Sobre o único documento que utilizou mais de um panteão sem que um desses panteões fosse a mitologia grega, a naturóloga se focou em mitos astecas, associando-lhes uma lenda inuit (Cavalcante, 2007). Dos outros trabalhos, em 2 deles o mito grego foi adotado como a narrativa principal, com os mitos de outra cultura associados secundariamente. Fonseca (2008) traçou duas polaridades do que chamou de “arquétipo do feminino”, adotando Afrodite como modelo para um dos extremos dessa

polaridade, buscando no mito talmúrdico de Lilit o contraponto para o outro lado dessa polaridade. Já Zacchi (2008) adotou basicamente divindades greco-romanas para trabalhar a “curadora-ferida”, adaptação feminina, feita por ela, do arquétipo junguiano inspirado pelo mito grego do centauro Quíron. A utilização do mito celta de Selkie é uma exceção bastante pontual no trabalho de Zacchi.

O número de mitos utilizados variou bastante entre os documentos: 9 empregaram um único mito; 7 utilizaram dois; 2 utilizaram três mitos; e 5 trabalharam com quatro mitos ou mais. Em alguns casos, os TCC relatam a utilização de mais de um mito em uma mesma consulta. O principal exemplo disso foi o relato de experiência de Assis (2008), que declarou que três mitos foram consecutivamente trabalhados em um mesmo atendimento. A forma como Assis fez isso não está descrita em seu texto. Os 2 TCC que não especificaram quais mitos utilizaram também não permitiam identificar a quantidade de mitos que empregaram.

Foram identificados 36 protagonistas diferentes nos mitos, a maioria observada em um único relato de experiência. Afrodite foi a deusa mais popular, presente em 7 dos 24 TCC analisados. O único protagonista masculino que apareceu em mais de um TCC foi o deus Eros, que figurou em 2 trabalhos.

Tabela 2 – Mitos identificados nos TCC de naturologia.

Protagonista	Gênero	Origem	Número de TCC	Protagonista	Gênero	Origem	Número de TCC
Afrodite	J	grega	7	Mulher-Esqueleto	J	inuit	1
Ártemis	J	grega	6	Pandora	J	grega	3
Atená	J	grega	1	Perséfone	J	grega	4
Ceridwen	J	celta	1	Prometeu	K	grega	1
Côatlícue	J	asteca	1	Psique	J	grega	3
Crono	K	grega	1	Quíron	K	grega	1
Deméter	J	grega	3	Sedna/Sanna	J	inuit	1
Durgā	J	indiana	1	Śákti	J	indiana	1
Eros	K	grega	2	Selkie	J	celta	1
Filoctetes	K	grega	1	Sheela-Na-Gig	J	celta	1
Hathor	J	egípcia	1	Tārā	J	tibetana	1
Hécate	J	grega	1	Teseu	K	grega	1
Hefesto	K	grega	1	Tonantzín	K	asteca	1
Hera	J	grega	1	Tōnatiuh	K	asteca	1
Hércules	K	romana	1	Vasilisa	J	eslava	1
Héstia	J	grega	1	Vēnus	J	romana	1
Heyókhia	K	lakota	1	Vila	J	eslava	1
Iemanjá	J	nagô	1	indefinido	-	-	2
Lilit	J	talmúdica	1				

Fonte: elaboração dos autores (2016).

Mais da metade dos documentos (14) utilizou exclusivamente mitos com protagonistas femininas. Dos restantes, 6 utilizaram tanto mitos femininos quanto masculinos e 3 utilizaram somente mitos de heróis/deuses masculinos. Os 2 TCC que não especificaram quais mitos foram utilizados não permitiram identificar o gênero das personagens.

Sobre a forma como os mitos foram escolhidos, quase todos os TCC descrevem que o estagiário discutiu sobre as possibilidades e escolheu a narrativa com auxílio do professor que o supervisionava na clínica-escola. Porém, um relato destoou bastante desse método de seleção. Moritz (2006) apresentou os arcanos maiores do tarô à pessoa que estava atendendo, quem sorteou a carta O Enforcado. Então Moritz recorreu ao livro de Sharman-Burke, que faz associações entre tarô e mitologia, e notou que essa carta era associada ao mito de Prometeu segundo a autora do livro (Sharman-Burke, 1988, p. 36-37). Esse livro, no caso, trata-se do manual que acompanha o baralho de um tarô moderno.

Foi notada, em 5 dos 16 relatos que utilizaram a palavra “deusa”, uma predileção em escrevê-la com D maiúsculo, uma característica forte do neopaganismo no Brasil. Em 3 deles o termo foi grafado sempre em maiúsculo (Caldas, 2006; Fonseca, 2008; Martins, 2008). Nos outros 2, ora apresentam-na com maiúscula, ora com minúscula. Em um desses casos a utilização pareceu ser totalmente aleatória (Phillip, 2008), mas no TCC de Zacchi (2008) houve indícios de uma concepção henoteísta de Deusa, ou seja, de que existe uma Grande Deusa da qual as outras deusas mitológicas seriam manifestações. Quando queria evocar esse conceito, a naturóloga grafou a palavra “deusa” com D maiúsculo (p. ex. Grande Deusa, Deusa Mãe, Deusa Tríplice), e quando uma deusa específica era citada (p. ex. deusa Hécate, deusa Vênus), ela grafou com letra minúscula.

#### MODO DE APLICAÇÃO

*Grosso modo*, os mitos foram aplicados pelos naturólogos através da leitura. Quase todos os naturólogos leram o mito à pessoa que estavam atendendo, e então os atributos da narrativa mítica desejados aos objetivos terapêuticos eram explorados através das PIC. Nenhum naturólogo recorreu

a fontes clássicas, como a *Ilíada* ou a *Teogonia*, para obter as narrativas utilizadas em seus atendimentos. As fontes de leitura foram todas secundárias, usualmente de livros da psicologia analítica que trabalhavam com mitologia, de dicionários de símbolos que contivessem verbetes sobre divindades ou livros de wicca que apresentavam mitos. Em muitos casos, esses três tipos de fontes foram misturados, e alguns TCC chegaram a utilizar uma fonte de cada um desses três tipos. Também foi observado que todos os naturólogos que recorreram a fontes wiccanas em seu trabalho também grafaram a palavra “deusa” com D maiúsculo em ao menos uma passagem de seu TCC.

Os relatos analisados descreveram associações com 14 PIC diferentes: aromaterapia, arteterapia, *cakrás*, cromoterapia, fitoterapia, florais de Bach, geoterapia, hidroterapia, iridologia, massoterapia, medicina xamânica, musicoterapia, reflexoterapia e visualização guiada. Dois documentos não declararam quais PIC utilizaram nos atendimentos. Esses dados podem ser mais bem observados pela Tabela 2, a seguir:

Tabela 3 – As PIC relacionadas à aplicação de mitologia como terapia naturológica.

PIC	Número de TCC
arteterapia	16
<i>cakrás</i>	5
visualização guiada	5
fitoterapia	4
hidroterapia	4
massoterapia	4
cromoterapia	3
florais de Bach	2
geoterapia	2
musicoterapia	2
aromaterapia	1
iridologia	1
medicina xamânica	1
reflexoterapia	1
não declarado	2

Fonte: elaboração dos autores (2016).

Ao ler os dados da Tabela 3 é fundamental ter em mente que os estudos sobre naturologia no Brasil apontam que os naturólogos operam com múltiplas práticas em saúde em consultório (Barros; Leite-Mor, 2011; Teixeira, 2013). Embora seja possível, é difícil encontrar naturólogos que utilizem uma única PIC em atendimento. Nesse sentido, a numeração da Tabela 3 não indica exclusividade de obras, mas sim em quantos relatos de caso cada PIC foi citada. É essencial destacar isso porque somente 6 dos 16 TCC que declararam utilizar mitos com a arteterapia, por exemplo, associaram o trabalho mitológico apenas com a arteterapia e mais nenhuma outra PIC. Também é importante ressaltar que os dados da Tabela 3 dizem respeito apenas às PIC que foram associadas ao trabalho com mitos. Os TCC analisados por vezes citam outras PIC, mas sem estabelecer uma relação entre sua aplicação e o uso terapêutico de mitologia.

Citando o relato de experiência de Shimonaga (2008), essa naturóloga utilizou a medicina chinesa como principal PIC de seu atendimento. Porém, quando introduziu o mito de Pandora à pessoa que estava atendendo, o trabalho mítico se deu através da arteterapia, e não com a medicina chinesa. Nenhuma relação entre medicina chinesa e mitologia foi apresentada no relato de Shimonaga. Nesse sentido, embora o TCC de Shimonaga aborde a mitologia chinesa, isso não consta como um dado para a Tabela 3.

Das PIC encontradas, a aromaterapia, a arteterapia, *cakrás*, a fitoterapia, os florais, massoterapia, medicina xamânica e a visualização guiada foram aplicadas concomitantemente os mitos eram apresentados. Sobre as outras PIC, o mais comum é que os naturólogos lessem os mitos após a aplicação das práticas, enquanto elas agiam. Citando o exemplo da geoterapia, após a aplicação da cataplasma de argila é necessário pelo menos vinte minutos para que os efeitos terapêuticos sejam observados. Na naturologia, esse tempo de espera usualmente ocorre com o repouso da pessoa atendida na maca. Mas nos TCC que associaram mitologia com a geoterapia era aproveitado esse momento para apresentar a narrativa mítica à pessoa atendida. Além disso, em alguns documentos os naturólogos relatam a aplicação dos mitos após a prática principal, de forma desassociada à PIC central da terapia, quando

as práticas planejadas pelo estagiário acabavam durando menos do que o esperado. Nesses casos, o trabalho com mitos sempre foi introduzido ao final da consulta.

Nos casos que associaram visualizações guiadas, o mais comum é que enquanto a pessoa atendida recebia uma cataplasma, compressa ou outra aplicação que demanda tempo de ação, o naturólogo pedia que a pessoa fechasse os olhos e imaginasse as cenas da narrativa mítica. Em alguns casos o mito foi contado antes da prática, e a visualização acontecia depois, sobre algum aspecto da história que o naturólogo desejava que fosse trabalhado em terapia. A visualização guiada também foi utilizada em todos os casos em que o mito foi aplicado ao fim da consulta, como o plano reserva de atendimento, possivelmente por não demandar grandes preparações/materiais do estagiário.

Na arteterapia, os naturólogos usualmente liam os mitos em voz alta e propunham um trabalho artístico no qual as pessoas atendidas poderiam expressar emoções, pensamentos, intuições ou sensações que emergissem da história. Foram atestadas práticas de confecção de máscaras, desenhos, mandalas, autorretratos, colagens e modelagem, usualmente associando materiais artísticos que o naturólogo considerava simbolizarem o mito trabalhado. Citando como exemplo o relato de experiência de Martins (2008), a naturóloga declara que

[...] foi lido o mito de Hera, e depois começado a confecção da mandala, disponibilizando como material tinta guache nas cores primárias mais branco e preto, lápis de cor e giz de cera em caixa com 15 cores, cola com purpurina da cor verde, vermelha e prata, e duas penas de pavão que são símbolos da Deusa Hera. [...] O mito de Ártemis foi utilizado na sessão [seguinte], prosseguindo com a confecção da mandala, disponibilizando galhos, folhas e flores no lugar das penas de pavão, já que Ártemis é a Deusa relacionada à natureza (MARTINS, 2008, p. 9-10).

O relato de Stefanos (2008) foi um que destoou da maioria que utilizou a arteterapia, pois ao invés de pedir que a pessoa atendida simplesmente se expressasse livremente através da arte após ouvir o mito, essa naturóloga preferiu fazer três perguntas reflexivas sobre o que desejava trabalhar do mito, e então pedir que a pessoa respondesse a cada uma dessas perguntas com obras artísticas que eram confeccionadas em consultório.

No atendimento apresentado no TCC de Cavalcante (2007), que utilizou a medicina xamânica, os mitos foram ritualizados através de cantos xamânicos acompanhados de tambor. Nas palavras da naturóloga, “através dos cantos xamânicos, a interagente [pessoa atendida] não só lembra desses mitos como se identifica com suas forças simbólicas, tendo a possibilidade de recriar-se numa condição de saúde e integridade” (Cavalcante, 2007, p. 1). Foi estimulado também que a mulher atendida recontasse os mitos, exercendo o papel xamânico de contadora de histórias.

Os *cakrás* e a iridologia apareceram como práticas utilizadas para justificar a escolha do mito mais apropriado ao atendimento. Utilizados como formas de diagnóstico dentro da naturologia, as análises da íris e de *cakrás* buscavam apresentar justificativas do porquê seria relevante, segundo essas leituras, que o trabalho mitológico fosse associado à terapia com a pessoa que estava sendo atendida na clínica-escola. Em alguns casos, a leitura de *cakrás* foi utilizada também ao final para atestar a efetividade do trabalho mítico, comparando a aferição por pêndulo antes com a aferição por pêndulo depois de a pessoa atendida ouvir o mito.

Em 3 TCC a mitologia foi empregada para justificar a utilização de alguma erva que, por ventura, era considerada pelos naturólogos como relacionada à divindade escolhida. Verzola (2007) aplicou a rosa e a jasmim porque estava utilizando o mito de Afrodite em consultório, declarando que essas flores eram sagradas à Afrodite. Zacchi (2008) também utilizou a rosa, justificando sua escolha pela flor ser sagrada à deusa Vênus. Fonseca (2008) optou pelo ilangue-ilangue (considerado afrodisíaco na naturologia) por causa de Afrodite, e pela manjerona (considerada antiafrodisíaca na naturologia) por causa de Lilit.

Por fim, houve um caso no qual a naturóloga declarou que as manobras da massagem foram escolhidas de acordo com o mito trabalhado. Fonseca (2008) explica em seu TCC que quando queria trabalhar com a deusa Afrodite, o toque e ritmo dos movimentos da massoterapia eram mais lentos e leves. Quando queria trabalhar com Lilít, a naturóloga acelerava a frequência e fazia mais pressão, exercendo vigor à massagem.

#### EMBASAMENTO APRESENTADO PELOS NATURÓLOGOS

Nos documentos é notada uma falta de aportes teóricos que expliquem porque a mitologia possui efeitos terapêuticos, porque o naturólogo é capaz de utilizar mitos em terapia (visto nunca ter existido qualquer unidade de aprendizagem específica para capacitá-lo para isso no bacharelado da UNISUL<sup>5</sup>), e o que a naturologia entende por mito ou mitologia. Essa carência é tão acentuada que 10 dos 24 documentos analisados sequer apresentam qualquer tipo de explicação nesse sentido.

Do pouco referencial identificado nesses documentos, a maioria buscou por autores da psicologia analítica, citando a terapêutica junguiana como o método ideal de aplicação de mitos na naturologia. A autora mais citada foi a psicóloga junguiana Clarissa Pinkola Estés, cuja obra *Mulheres que correm com os lobos* foi citada em 23 dos 24 documentos estudados. A segunda autora mais referenciada foi a psiquiatra junguiana Jean Shinoda Bolen, presente em 15 dos 24 trabalhos. 7 relatos de experiência utilizaram Joseph John Campbell, escritor independente bastante popular nos meios da Nova Era que, dentre as teorias que utilizou para elaborar suas considerações sobre mitologia comparada, recorreu bastante à teoria de Jung. É importante ressaltar que dos 23 TCC que citaram Estés, dos 15 que citaram Bolen e dos 7 que citaram Campbell, a maioria não utilizou esses referenciais teóricos pelas explicações que apresentavam sobre o que é mito ou porque a mitologia seria terapêutica. A maioria dos TCC que empregou

---

<sup>5</sup> Sobre as matrizes curriculares que já existiram no curso de naturologia da UNISUL, cf. Teixeira (2013, p. 55-68).

essas obras o fez pelo fato desses livros conterem as narrativas míticas. Em outras palavras, essas obras foram utilizadas como fontes das histórias que seriam contadas em consultório, e não como fundamentação teórica para a terapia naturológica com mitologia.

Os trabalhos que apresentaram teorias sobre mitologia tenderam a explicar os mitos pela visão da psicologia analítica, ou seja, como símbolos ou arquétipos inatos. A noção mais presente nos textos é que ao entrar em contato com as narrativas míticas as pessoas atendidas poderiam expressar o que não pode ser expresso de outra forma, trazendo à consciência aspectos do inconsciente necessários ao processo de individuação. Esse processo, por si só, seria terapêutico e justificaria o trabalho com mitos na naturológica. Pela aproximação junguiana, quase todos os TCC entenderam os deuses e personagens míticos de forma psicologizada – o que se aproxima bastante da forma como a Nova Era tende a entender Deus: um estado de espírito/sentimento (Hanegraaff, 1996). Assim, os mitos trabalhados em consultório seriam alegorias, símbolos ou projeções de pensamentos, sentimentos, sensações, comportamentos, memórias, conflitos psicológicos, impulsos, tendências e energias psíquicas, traduzidos em narrativas pelas mitologias.

Foram também observadas explicações através do neopaganismo. Nesses casos, os deuses – e em especial as deusas – seriam “energias” que influenciam a terapia naturológica pelo pressuposto de suas histórias ou por seus nomes terem sido evocados em consultório. Para aumentar seu poder de cura, poder-se-ia criar ambientes propícios a essas divindades, através de ervas, símbolos, aromas, objetos ou cores sagrados aos deuses, utilizando-os como enfeites no consultório ou aplicando-os à PIC. O que foi entendido por “energia” e como essas “energias divinas” influenciariam a terapia naturológica não fica claro nos trabalhos que recorrem a essa linha explicativa.

Também foram percebidas noções de um “Sagrado Feminino” (sempre escrito em maiúsculo) ou uma “energia feminina” intrínseca, que se manifesta como as deusas. O trabalho onde isso aparece com maior clareza é o TCC de Zacchi (2008), porém todos os documentos que citaram bibliografias wiccanas ou que utilizaram a palavra “deusa” com D maiúsculo tenderam

a essa abordagem. A categoria “Sagrado Feminino”, nesses moldes, parece estar muito próxima à forma essencialista como Mircea Eliade trabalha a noção de sagrado. Eliade (1992) compreende religião por uma perspectiva fenomenológica, na qual o sagrado é uma realidade ontológica que se revela por hierofanias, assumindo características distintas de acordo com as culturas nas quais se manifesta. Porém, a teoria eliadiana não apareceu em nenhum dos TCC que apresentaram o conceito de “Sagrado Feminino”. Eliade foi citado por apenas uma naturóloga (Cavalcante, 2007), de forma descontextualizada, em um TCC que não recorreu à explicação neopagã, que possuía uma perspectiva muito mais próxima da perspectiva junguiana do que da abordagem eliadiana sobre mitos.

Por fim, houve apenas uma naturóloga que fundamentou sua aplicação de mitologia na terapia naturológica pela medicina chinesa (Assis, 2007), sem aplicar a medicina chinesa associada ao seu trabalho terapêutico com mitologia. Nesse caso, os fundamentos da medicina chinesa foram utilizados para justificar a terapia mitológica. Vale ressaltar que nessa época o curso de naturologia da UNISUL se pautava em um tripé de medicinas tradicionais formado pela medicina chinesa, pelo xamanismo e pela *āyurveda* (Teixeira, 2013; Stern, 2015). Sendo assim, esse trabalho se apresenta como uma tentativa de utilizar a linguagem nativa da naturologia na época, em um esboço de justificativa porque o naturólogo seria um profissional apto a utilizar mitos de forma terapêutica sem recorrer ao discurso psicologizante.

## DISCUSSÕES

A confluência de mitos e a preferência pelos panteões europeus, norte-americanos e asiáticos demonstra grande proximidade da naturologia com a Nova Era, visto novaeristas tenderem a preterir fontes africanas e indígenas<sup>6</sup> (Magnani, 2000). Apenas um documento cita Iemanjá, somente um utilizou mitos andinos, e nenhum recorreu a mitos nativos do Brasil.

---

<sup>6</sup> Com exceção dos índios norte-americanos.

Porém, a naturóloga que utilizou Iemanjá em consultório abordou-a de uma forma mais próxima ao modo como a Nova Era trabalha com Iemanjá (como uma deusa) do que como ela é trabalhada nas religiões afro-brasileiras (como uma iabá/orixá mulher).

A nítida preferência por personagens femininos, ao ponto de mais da metade dos TCC utilizarem unicamente mitos de deusas, aponta a outra forte ligação entre a Nova Era e a naturologia. O neopaganismo e o Movimento da Deusa são inclinações (ainda que limítrofes) do movimento da Nova Era (Hanegraaff, 1996). Sabe-se que esse foco privilegiado em deusas é uma tendência neopagã porque, no cenário brasileiro, o grupo neopagão dominante é a wicca diânica, na qual deusas são cultuadas com maior ênfase que deuses – em alguns casos, são cultuadas somente deusas e nenhuma divindade masculina.

A grande quantidade de personagens, todas trabalhadas mais ou menos do mesmo modo, também reforça uma identidade novaerista na naturologia. A Nova Era tende a fazer uma leitura universalista das religiões, na qual todo caminho é válido porque tudo levaria ao mesmo destino (Hanegraaff, 1998; Magnani, 2000; D'Andrea, 2000).

Logo, uma vez apreendida a forma de se trabalhar com uma divindade, seria possível aplicar o mesmo modo a qualquer outro deus. Citando um exemplo brasileiro, esse método novaerista de lidar com mitologia é observado no livro *Wicca Brasil* (cf. Ceridwen, 2003), no qual deusas indígenas brasileiras são apresentadas pelo olhar da wicca diânica. Os ritos propostos nessa obra são todos praticamente o mesmo rito, com pequenas modificações segundo a simbologia de cada deidade. É ignorado pela autora que cada personagem deriva de contextos distintos, com etnias, línguas, culturas e crenças próprias. As chances de seus rituais serem todos iguais, do ponto de vista antropológico, é virtualmente nula. Mas isso não parece gerar qualquer conflito ao wiccano brasileiro que deseja celebrar essas deusas.

Também chamou à atenção que a wicca foi utilizada como fundamentação em alguns dos relatos de experiência que utilizaram mitos. Isso se destaca visto que não apareceram fundamentações por nenhuma outra religião nesses documentos. Nem mesmo o TCC que utilizou o mito de Iemanjá recorreu a qualquer explicação umbandista ou candomblecista para fundamentar seu trabalho. Preocupações com uma dimensão espiritual à saúde são observadas desde 1983 na Organização Mundial da Saúde (OMS), e desde 1998 a OMS passou a definir saúde como um estado dinâmico de bem-estar espiritual, além de bem-estar físico, mental e social (WHO, 1998, p. 4). Porém as propostas da OMS para espiritualidade e saúde têm como foco a espiritualidade do paciente, que é o sujeito central à terapia. Visto ser uma religião minoritária no Brasil, ao ponto de sequer constar no censo demográfico de 2010 (cf. IBGE, 2010), é bastante improvável que a wicca fosse a religião de todas as pessoas que foram atendidas nesses relatos de caso que utilizaram a wicca como fundamentação. Além disso, as propostas para espiritualidade e saúde da OMS não adentra na questão da *religiosidade*, que é definida como o ato de praticar ou seguir uma religião específica (WHO, 1998, p. 7). Para a OMS, espiritualidade é entendida muito mais como algo relacionado à autorrealização, à busca por sentido pessoal, à autonomia em relação às instituições, à espontaneidade, à criatividade, à autenticidade, aos sonhos e à liberdade. Acreditamos que a presença de apenas uma religiosidade específica, nesse caso, diz muito mais a respeito dos naturólogos que estavam realizando os atendimentos do que dos sujeitos que estavam sendo atendidos. O fato de a religiosidade escolhida ter relações com o movimento da Nova Era pode ser mais um indicativo de que a naturologia é uma forma de institucionalização da Nova Era na universidade brasileira.

Sobre o fato da maioria dos trabalhos recorrerem à arteterapia, esse era um resultado esperado, visto que quem introduziu o trabalho mitológico no curso de naturologia da UNISUL foi Luana M. Wedekin, professora que ministrava as unidades referentes à arteterapia. Embora não seja psicóloga (sua formação é de arte-educadora), Wedekin possui especialização em arteterapia com forte viés junguiano. Se considerarmos a naturologia

como uma forma de institucionalização da Nova Era, nesse caso é de se entender o grande apelo da teoria junguiana nos trabalhos da área. Tanto Hanegraaff (1996) quanto D'Andrea (2000) citam que embora seja anterior ao movimento da Nova Era, Jung influenciou fortemente os seus valores, possuindo grande popularidade tanto em âmbito novaerista internacional quanto brasileiro.

Embora não haja evidências concretas pelos trabalhos analisados, acreditamos que a popularidade da mitologia grega sobre os outros panteões possivelmente se deu pelo fato das obras junguianas em língua portuguesa discorrem mais sobre esses mitos do que sobre outras mitologias. Isso é reforçado pelo fato da literatura wiccana tender a utilizar uma diversidade maior mitos que a literatura da psicologia analítica. Justamente os relatos de experiência que justificaram seu trabalho através da wicca foram os que mais recorreram a mitologias diferentes.

Por fim, acredita-se que a forma como os mitos foram trabalhados entre 2006 e 2008 não seja mais a mesma que os naturólogos trabalham mitologia em consultório hoje. Que eles continuam utilizando mitos em terapia é comprovado pelo trabalho de Martins (2016), citado na introdução. Todavia, além da terapia mitológica ter sido duramente desencorajada pela coordenação de 2008 a 2010, algumas práticas citadas nos TCC analisados foram retiradas da matriz curricular do curso de naturologia da UNISUL. Citando um exemplo, uma pesquisa publicada em 2011 foi encomendada pela coordenação da época justamente para refutar a utilização de pêndulos para leituras de *cakrás*, com o objetivo de que essa prática fosse abandonada na clínica-escola de naturologia (cf. Souza; Hellmann, 2011). Isso levou não apenas ao fim da utilização do pêndulo, como fez com que o curso abandonasse, como um todo, a ideia de verificação de energia de *cakrás*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi verificar, através de uma pesquisa exploratória, como os naturólogos utilizam mitologia terapêuticamente em sua prática

profissional. Foram identificados 24 relatos de experiência que associaram mitologia às PIC no estágio supervisionado da clínica-escola de naturologia, de um universo de 284 trabalhos produzidos entre 2006 e 2008 no bacharelado de naturologia da UNISUL. Foi observada a predominância de mitos gregos, um foco privilegiado em figuras mitológicas femininas, e carência generalizada de descrições claras de como os mitos foram associados à terapia. As práticas que mais foram associadas aos mitos nesses relatos de caso foram a arteterapia, a leitura dos *cakrás* e visualizações guiadas. As explicações mais comuns que os naturólogos utilizaram para embasar seu trabalho terapêutico com mitos giram em torno da psicologia analítica e de explicações religiosas de base neopagã, em especial da wicca.

Esse estudo ilustra um campo pouco explorado: a utilização de mitos associados à terapia. Nesse sentido, além de apontar à possibilidade de estudos sobre a aplicação terapêutica de mitos em outros contextos novae-ristas (em especial wiccanos, visto que os documentos estudados nesse artigo apontaram a uma tendência de leituras terapeutizantes dos mitos nessa religião), a mesma pesquisa poderia ser repetida entre os TCC do curso de naturologia da UAM, verificando como isso foi feito nessa outra instituição também. Essa última sugestão se justifica, em especial, porque o documento mais antigo que aponta a utilização de mitos pela naturológica foi produzido nessa instituição.

Pesquisas de campo são especialmente indicadas para explorar como os naturólogos aplicam os mitos em sua prática profissional posteriormente ao estágio. No período analisado, os estudantes do curso de naturologia da UNISUL não tinham liberdade total de escolher quais PIC aplicariam nas pessoas que eles atendiam na clínica-escola. Assim, a inclusão de uma prática que não fosse a prática principal de seu estágio supervisionado só era possível via associação. Justamente, todos os casos analisados demonstraram que a utilização de mitologia foi associada a outras PIC, e não adotada como a terapia principal. As pesquisas de campo poderiam responder se, de fato, a mitologia continua sendo apenas uma prática terapêutica associada, ou se haveria o emprego do próprio mito enquanto terapia em consultórios de

naturólogos formados. Além disso, o intercâmbio de cursos livres, fortemente promovido pelos próprios naturólogos após a graduação, poderia fomentar elementos não observados por nossa pesquisa, que se focou somente nos TCC. Por fim, pesquisas futuras poderão promover uma maior compreensão sobre os mecanismos de cura na Nova Era, e como a utilização de mitos evoluiu ao longo da história da naturologia no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Liara Bertasso. *As dinâmicas emocionais humanas na interagência naturoológica*. Palhoça: UNISUL, 2008.
- ASSIS, Jimile de. *O feminino e seus processos sob a visão energética e simbólica: um estudo de caso em Naturologia Aplicada*. Palhoça: UNISUL, 2007.
- BARROS, Nelson Filice de; LEITE-MOR, Ana Cláudia Moraes Barros. Naturologia e a emergência de novas perspectivas na saúde. *Cadernos Acadêmicos*, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 2-15, 2011.
- BÊ, Natália Imperato. *O auxílio dos mitos no resgate da feminilidade no processo terapêutico*. Palhoça: UNISUL, 2008.
- BECKER, Mariana Minghelli. *A relação entre o comportamento energético dos chakras e sua manifestação criativa por meio da confecção de mandalas*. Palhoça: UNISUL, 2008.
- BETIO, Tânia Garcia de. *Cólica menstrual e cefaleia despertando o autocohecimento em um estudo de caso*. Palhoça: UNISUL, 2006.
- BIERLEIN, Juancho F. *Mitos paralelos: uma introdução aos mitos no mundo moderno e as impressionantes semelhanças entre heróis e deuses de diferentes culturas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- CALDAS, Denise Balança. *O restabelecimento do fluxo energético dos “chakras” utilizando as práticas naturais*. Palhoça: UNISUL, 2006.

CAMPOS, Carolina de Paiva Gonçalves. *A utilização do simbolismo da Água, Terra e opostos no tratamento naturoológico*. Palhoça: UNISUL, 2008.

CASTRO, José Lyon de. *Naturologia: a saúde integral do indivíduo e da sociedade*. Sintra: Europa-América, 1986.

CAVALCANTE, Caroline. *Evocando o poder do visionário através do contador de histórias: um estudo de caso*. Palhoça: UNISUL, 2007.

CERIDWEN, Mavesper Cy<sup>7</sup>. *Wicca Brasil: guia de rituais das deusas brasileiras*. São Paulo: Gaia, 2003.

CORREIA, António Mendes et al. (Org.). *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira: ilustrada com cêrca de 15.000 gravuras e 400 estampas a côres*. v. 18. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1950.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Loyola, 2000.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FONSECA, Maria Beatriz Pimentel da. *Valorização da feminilidade*. Palhoça: UNISUL, 2008.

GUEDES, Fernando Schuind da Costa. *Os contos maravilhosos e a imaginação criadora: elementos para a abordagem da questão do sentido da vida na área da Naturologia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Naturologia) – Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, 2005.

---

<sup>7</sup> Nome religioso de Marcia Bianchi Prates.

GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.

HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought*. Leiden: Brill, 1996.

HISTER, Michele. *Estabilização do fluxo energético dos “chakras” por meio do processo de individualização e autopercepção vivenciadas pela mulher na 3ª idade*. Palhoça: UNISUL, 2008.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LANGDON, Esther Jean; ROSE, Isabel Santana de. Contemporary Guarani shamanisms: “tradicional medicine” and discourses of native identity in Brazil. *Health, Culture and Society*, Pittsburgh, v. 3, n. 1, p. 30-48, 2012.

LEITE, Ana Luisa Proserpi; WEDEKIN, Luana Maribele. Narrativas mitológicas sobre processos de morte simbólica. *Último Andar*, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 57-76, 2015.

LÜCKEMEYER, Giceli. *As práticas naturais na superação do medo*. Palhoça: UNISUL, 2007.

MACEDO, Cilene. Curso de extensão relaciona mitologia e terapias. Sul Notícias, Florianópolis, 30 jul. 2013. Geral. Disponível em: <<http://www.sulnoticias.com/noticia.php?Tid=1312>>. Acesso em: 6 ago. 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARTINS, Celina. *A utilização da imaginação como potencializadora do processo terapêutico*. Palhoça: UNISUL, 2008.

MARTINS, Franciele dos Santos. Utilização do mito Kiowa Primeira Matriarca, A Mãe que fala com todos os seres atrelado à prática arteterapêutica em alunos do curso de Naturologia da UNISUL em 2015. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR, 2., 2016, Florianópolis. *Cadernos de Programação e Resumos*. Florianópolis: ABHR, 2016, p. 180.

MATIOLLI, Larissa Silva. *A superação da angústia através das práticas naturais: um estudo de caso*. Palhoça: UNISUL, 2006.

MORITZ, Eliza Maria. *O uso de determinadas práticas naturais num caso de processo psoriático*. Palhoça: UNISUL, 2006.

OLIVEIRA, Rafael Simião Cunha de. *A intervenção da cromoterapia e arteterapia na alergia respiratória crônica: estudo de caso*. Palhoça: UNISUL, 2007.

PESSOA JR., Osvaldo. O fenômeno cultural do misticismo quântico. In: FREIRE JR., Olival (Org.); PESSOA JR., Osvaldo (Org.); BROMBERG, Joan Lisa (Org.). *Teoria quântica: estudos históricos e implicações culturais*. Campina Grande: EDUEPB, 2011, p. 281-302.

PHILIPP, Denise Martins Casagrande. *O símbolo arquetípico da deusa Héstia: o trabalho naturológico no desenvolvimento pessoal do feminino*. Palhoça: UNISUL, 2008.

PITA, Maria Izabel Marim. *O processo simbólico do sintoma como elo de ligação entre o consciente e o inconsciente no caminho para a individuação*. Palhoça: UNISUL, 2008.

PRIPAS, Michelle. *O despertar do autoconhecimento: um caminho para a melhora da autoestima*. Palhoça: UNISUL, 2006.

RODRIGUES, Renée Silva. *O uso de histórias encantadas em arteterapia no processo terapêutico naturológico*. Palhoça: UNISUL, 2008.

ROSE, Isabel Santana de. *Tata endy rekoe – Fogo Sagrado: encontros entre os Guarani, a ayahuasca e o Caminho Vermelho*. 2010. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SHARMAN-BURKE, Juliet. *The mythic tarot: workbook*. New York: Fireside, 1988.

SIMÃO, Alzira Bresola. *O envelhecer com saúde: um enfoque naturoológico*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Naturologia Aplicada) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2007.

SOUZA, Bárbara; HELLMANN, Fernando. Análise do uso da radiestesia pendular como método avaliativo dos chakras na terapêutica naturoológica. *Cadernos Acadêmicos*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 57-70, 2011.

SHIMONAGA, Marina Hitomi. *As emoções e a relação com os elementos da medicina tradicional chinesa*. Palhoça: UNISUL, 2006.

STEFANES, Johanna Mariáh. *Os fatores emocionais como determinantes psicossomáticos e psiconeuroimunológicos de um processo alérgico respiratório*. Palhoça: UNISUL, 2008.

STERN, Fábio L. *Naturologia e espiritualidade: indícios dos valores do movimento da Nova Era entre naturólogos formados no Brasil*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

TEIXEIRA, Diogo Virgílio. *Integridade, interagência e educação em saúde: uma etnografia da Naturologia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

VARELA, Daniele Mineiro; CORRÊA, Mariana Alves. *Estudo sobre a Naturologia no Brasil e no mundo*. Monografia (Graduação em Naturologia) – Universidade Anhembi-Morumbi, São Paulo, 2005.

VENTURA, Carlos Campos. Naturologia: pontos nos Is. *Jornal Espaço Público*, Portugal, 3 fev. 1999. Disponível em: <<http://www.publico.pt/espaco-publico/jornal/naturologia-pontos-nos-is-129130>>. Acesso em: 22 set. 2015.

WHO (World Health Organization). *WHOQOL and Spirituality, Religiosity and Personal Beliefs (SRPB)*. Geneva: WHO, 1998.

STRADA, Daiana. *O ressurgimento das deusas na psique feminina: um estudo de caso*. Palhoça: UNISUL, 2008.

VERZOLA, Fernanda. *A influência das relações com o meio nas expressões energéticas do indivíduo: um estudo de caso*. Palhoça: UNISUL, 2007.

ZACCHI, Vanessa. *O arquétipo da curadora ferida: uma visão naturológica*. Palhoça: UNISUL, 2008.

Recebido em: 03/10/2016

Aprovado em: 23/12/2016